OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v13n26p225

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Artigo

Os riscos compreendidos, gerenciados e, em certa medida, incorporados por instrutores de parapente no Parque da Cidade de Niterói/RJ

Emanuelle de Oliveira Camolesi[1]
Universidade Federal Fluminense

Resumo

O estudo investiga as percepções e significados atribuídos ao risco por instrutores de parapente do Parque da Cidade de Niterói, a partir de quatro meses de trabalho de campo realizado a partir da metodologia "de perto e de dentro", com registros em diário de campo e entrevistas informais. O risco, intrínseco ao parapente, foi interpretado como elemento multifacetado: controlável pela técnica, protocolos e confiança nos equipamentos, mas também como fonte de prazer, superação e identidade, sendo positivamente ressignificado em eventos como "*arborizações*", vistas como ritos de passagem por este grupo de interlocutores. Para esses instrutores, a prática ultrapassa a dimensão técnica, envolvendo mediação emocional e física, construção de vínculos afetivos e criação de um espaço emocionalmente seguro, no qual o risco é compreendido, negociado e incorporado como parte da experiência desta modalidade do voo livre.

Palavras-chave

Instrutores de Parapente. Risco. Emoções. Esportes radicais.

1. Bacharel em História, mestre em Antropologia e doutoranda em Antropologia, nas temáticas do esporte, corpo e emoções.

The risks understood, managed and, to some extent, incorporated by paragliding instructors in the City Park of Niterói/RJ

Abstract: This study Investigates the perceptions and meanings attributed to risk by paragliding Instructors In Niterói City Park, based on four months of fieldwork conducted using the "up close and Inside" methodology, with field diary entries and Informal Interviews. Risk, Intrinsic to paragliding, was Interpreted as a multifaceted element: controllable through technique, protocols, and confidence In equipment, but also as a source of pleasure, resilience, and identity, positively reinterpreted In events such as "tree climbing", seen as rites of passage by this group of Instructors. For these Instructors, the practice goes beyond the technical dimension, Involving emotional and physical mediation, the building of emotional bonds, and the creation of an emotionally safe space where risk is understood, negotiated, and Incorporated as part of the experience of this form of free flight.

Keywords: Paragliding Instructors. Risk. Emotions. Extreme sports.

Los riesgos comprendidos, gestionados y, en cierta medida, incorporados por los instructores de parapente en el Parque de la Ciudad de Niterói/RJ

Resumen: Este estudio Investiga las percepciones y significados atribuidos al riesgo por Instructores de parapente en el Parque Municipal de Niterói, a partir de cuatro meses de trabajo de campo realizado con la metodología "de cerca y desde dentro", con anotaciones en diarios de campo y entrevistas Informales. El riesgo, Intrínseco al parapente, se Interpretó como un elemento multifacético: controlable mediante la técnica, los protocolos y la confianza en el equipo, pero también como fuente de placer, resiliencia e identidad, reinterpretado positivamente en eventos como la "escalada de árboles", considerados ritos de Iniciación por este grupo de Instructores. Para estos Instructores, la práctica trasciende la dimensión técnica e implica la mediación emocional y física, la construcción de vínculos afectivos y la creación de un espacio emocionalmente seguro donde el riesgo se comprende, se gestiona y se Incorpora como parte de la experiencia de esta forma de vuelo libre.

Palabras clave: Instructores de parapente. Riesgo. Emociones. Deportes extremos.

Introdução

Segundo Cilene Oliveira (2016), os esportes radicais na natureza começaram a se definir na década de 1960 e foram influenciados por transformações sociais, culturais e ideológicas, articulados com a constituição do campo esportivo mais geral. Contudo, o lazer na natureza não é uma invenção recente, resultado de um processo histórico complexo ao longo do século XIX e XX, influenciado por mudanças da modernidade, na sensibilidade humana, na organização social e nas concepções sobre esporte, lazer e natureza (Dias, 2009).

A partir do século XIX, em razão do romantismo e ideais higienistas que valorizavam a experiência estética e emocional e o contato à natureza, como forma de cura e bem-estar (Campbell, 2001), a natureza passou a ter novos significados. Antes selvagem, hostil e desconhecida, passou a ser refúgio dos males urbanos, lazer, local de escape e renovação. A oposição com a cidade moderna, símbolo do progresso, da racionalidade e do controle da vida, emerge em um contexto de crescente incerteza política, econômica e social, refletindo valores de autonomia, individualidade e sensibilidade extrema (Costa, 2009). Tal oposição, também é presente no contexto da prática do parapente,

afinal, "É comum a procura pelo esporte por pessoas que desejam fugir do dia-a-dia (sic) estressante das grandes cidades" (Parapente Brasil, 2016).

Ocorrências de eventos significativos influenciaram a difusão dos esportes de aventura, como grandes desastres ambientais, que tornaram as preocupações ambientais, pouco a pouco, mais interiorizadas pelos indivíduos; assim, ganharam destaque os movimentos e os discursos ambientalistas (Oliveira, 2016). No contexto brasileiro, a valorização da natureza também esteve intimamente ligada à formação da identidade nacional, como um elemento na narrativa de singularidade e autenticidade nacional (Dias, 2009).

A aventura e os esportes na natureza são fortemente influenciados pela interação com o meio natural, que, nestes casos, não compõe apenas um palco ou cenário da atividade, mas é um elemento ativo, que define a experiência. Portanto, a relação com a natureza nesses esportes envolve a busca pela aventura, muitas vezes atrelada a um discurso ambientalista, que relaciona a prática esportiva à preservação ecológica (Dias; Junior, 2007), sendo frequentemente associada a causas sociais, como a preservação ambiental ou a angariação de fundos para instituições beneficentes (Spink; Spink, 2009).

O objeto deste texto é um desses esportes na natureza: uma das modalidades do voo livre, o parapente. Com a crescente popularização dessas práticas, os termos empregados para descrevê-las diversificaram-se, abrangendo diferentes designações que ressaltam tanto a relação com a natureza quanto a presença do risco. Ao estudar o rafting[2] em Brotas/SP, Bandeira (2012) elaborou um levantamento na mídia jornalística especializada brasileira e identificou uma diversidade de termos e nomenclaturas em voga, tanto utilizados pela mídia, quanto entre os praticantes. Como ela pontua, tais práticas podem ser classificadas como) "esportes na natureza, esportes radicais, esportes de aventura, esportes de risco, esportes de ação ou esportes ao ar livre" (Bandeira, 2012, p. 13). Esses termos são intercambiáveis, não havendo consenso entre seus praticantes. Entre os instrutores de parapente do Parque da Cidade de Niterói, por exemplo, "esporte radical" e "esporte de aventura" são as nomenclaturas comuns, mas não exclusivas, refletindo a flexibilidade dessas categorias e a forma como os praticantes as interpretam.

De acordo com a Confederação Brasileira de Voo Livre – CBVL – (2014), na década de 1960, o norte-americano engenheiro em aerodinâmica David Barish, trabalhando com a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), desenvolveu uma espécie inicial do parapente para o retorno de cápsulas espaciais à terra. Seu projeto partiu das criações de asas[3] do norte-americano Francis Rogallo e o australiano John

2. Prática de descida em corredeiras em equipe, utilizando botes infláveis.

3. As estruturas rígidas, presentes no equipamento da asa-delta, são uma das maiores diferenciações entre as duas modalidades do voo livre.

Dickenson. Barish testou seu equipamento, decolando em 1965 do alto da montanha Hunter, em Nova Iorque, dando início à prática do parapente, que era chamada de "subida de declive"[4]. Em 1978, a empresa *Parachute Club d'Annemasse*, na França, criou outra versão do equipamento para servir de treinamento aos paraquedistas na precisão da aterrisagem, sem a necessidade de se utilizar um avião (CBVL, 2014). Em 1983, o nome do esporte passa a ser Parapente e, dois anos mais tarde, foi reconhecido como desporto pela *Féderation Française de Vol à Voile*.

A primeira decolagem de parapente no Brasil, foi feita da Pedra Bonita/RJ pelos suíços François Knebel e Jerome Saunier, em 1987; eles formaram, no ano seguinte, os primeiros pilotos brasileiros; dentre eles, Bruno Menescal, campeão do 1° Campeonato Brasileiro de Parapente, em 1989 (CBVL, 2014). Desde então, muitos foram os recordes quebrados por pilotos brasileiros.

> Não estamos diante de um fenômeno social despretensioso, liderado por um grupo de jovens inconseqüentes e viciados em adrenalina. Na verdade, estamos diante de uma promissora indústria do entretenimento que, além de alcançar uma margem de lucro bastante alvissareira, tem sido capaz de forjar um sistema de valores muito peculiar no que diz respeito ao modo de se representar e se relacionar com o mundo (Dias; Junior, 2007, p. 16).

Fica evidente a importância, na modernidade, dos esportes de aventura na configuração de símbolos definidores de identificação de grupos urbanos, e isso acontece especialmente no Rio de Janeiro, onde a proximidade entre espaços urbanos e naturais é constante. Essa configuração permite que essas práticas sejam incorporadas à paisagem e ao cotidiano dos cariocas, em uma permanente tensão entre a busca pela aventura e bem-estar e a necessidade de segurança e infraestrutura (Dias; Junior, 2007).

O Rio de Janeiro é um ambiente singular para os esportes de aventura, pois combina a paisagem natural de fácil acesso, a "cultura carioca" que valoriza atividades ao ar livre e uma estrutura de equipamentos urbanos e regulamentações que facilitam e incentivam a prática esportiva (Dias; Junior, 2007). Niterói, pertencente à Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, possui atributos que a tornam um local relevante, tanto em termos de qualidade de vida quanto de potencial turístico, cultural e esportivo.

Forjando a identidade local, a cidade de Niterói foi se vinculando, ao longo de sua história, a diversos esportes, especialmente nas modalidades náuticas. Os esportes ocupam um espaço expressivo na construção de um imaginário e gosto local, desde

4. "Slope soaring" no inglês.

a segunda metade do século XIX, inicialmente com o turfe[5], o remo[6] e o atletismo[7] (Melo, 2020), de forma que as conquistas esportivas se tornaram "indicadores do valor dos habitantes e do sucesso de determinados projetos políticos" (Melo, 2020, p. 12). A "Cidade Sorriso", com sua conformação geográfica e espaços privilegiados, ao longo de décadas, sediou grandes eventos, construiu infraestruturas e consagrou diversos atletas do esporte nacional, carregando um rico legado esportivo (Viana; David, 2024).

Um desses locais que favorecem a prática de esportes de aventura é o Parque da Cidade de Niterói, onde diversas modalidades como *mountain-bike*[8], *down-hill*[9], caminhada e o voo livre se encontram em um só compartilhamento: a beleza natural do Morro da Viração e sua preservação. Apesar de estar na rota turística da cidade há mais de quatro décadas, foi apenas neste século que a área ganhou destaque e, atualmente, é uma das mais visitadas (Jornal O Dia, 2024; Enfoco Notícias, 2023). Em uma publicação no Instagram de Anderson Pipico, atual vereador de Niterói, foi comunicado a protocolização, na Câmara dos Vereadores de Niterói, o projeto de Lei que declara o Voo Livre do Parque da Cidade, como Patrimônio Cultural e Turístico Imaterial do Município de Niterói, o que demonstra seu valor esportivo, cultural e turístico para os "niteroienses" (Projeto de Lei nº 5556/2025).

Este trabalho compõe uma pesquisa mais ampla[10] sobre as emoções de instrutores de parapente do Parque da Cidade de Niterói, onde foi realizado trabalho de campo por quatro meses, a partir da metodologia "de perto e de dentro" de Magnani (2002). De acordo com estudos sobre esportes radicais, a busca por desafios e aventuras pode ser interpretada como uma maneira de romper com a rotina cotidiana e acessar estados intensificados de percepção e prazer (Le Breton, 2006; Rocha, 2011). No contexto do voo livre, o risco a que se fala compõe de forma intrínseca à prática, mas é percebido e significado de maneiras distintas pelos praticantes. Entre os instrutores do Parque da Cidade, ele não é entendido como uma ameaça permanente, mas como um aspecto controlável, desde que sejam observados os protocolos de segurança e adotadas boas práticas.

---

5. Esporte que envolve criação, treinamento, competição e apostas em corridas de cavalos.

6. Esporte praticado em barcos estreitos que os atletas utilizam os braços, troncos e pernas para mover o barco em alta velocidade.

7. Um conjunto de esportes constituído por várias modalidades.

8. Prática de ciclismo em montanhas.

9. Modalidade de Mountain Bike, que envolve a descida de ladeiras íngremes e saltos de obstáculos.

10. Para o mestrado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

1 O risco no voo de parapente: entre uma cicatriz e outra

Após *arborizar*[11] e ser resgatado pelos colegas, o instrutor Yuri[12] respondeu às piadas quanto sua irresponsabilidade em voar sem o capacete, com a frase: "sem emoção não tem graça, é só um arranhão!", ele se referia ao fato de ter ficado preso em uma árvore com o parapente, foi a primeira vez em campo que percebi, de forma explícita, instrutor associando uma emoção positivada ao risco. O risco é algo intrínseco à prática do parapente, considerado um esporte radical, que decorre principalmente de três possibilidades: o parapente se fechar por completo, com alguma mudança brusca de ventos[13], o choque com um obstáculo, seguido de queda livre e o contato com redes elétricas de alta tensão.

Rocha (2011) aponta para algumas noções dessa categoria que emergem da modernidade, novas significações para um risco moderno que redefine o social, sendo parte essencial da organização das sociedades (Beck, 2010). Ele é submetido à consciência que se tem dele, em um processo de transformação subjetiva do indivíduo, orientada para o futuro, que carrega opções cada vez mais variadas de reconstrução da vida cotidiana (Giddens, 1991). As formas pelas quais se percebe o risco e como ele é caracterizado advêm da sociedade (Douglas, 1996): "Assim, alguns aspectos do risco ou do perigo podem ser enfatizados, enquanto outros são ignorados, do mesmo modo que uma cultura de risco varia segundo a posição social dos atores." (Rocha, 2011, p. 68).

O uso do humor pelos outros instrutores e o fato de nenhum deles impedir que o colega decolasse sem capacete do Parque pode ser interpretado como uma nova perspectiva do risco moderno. Todavia, embora o esporte radical esteja associado a riscos significativos, como a morte e machucados em geral, seus praticantes buscam controlá-los e domesticá-los por meio do domínio técnico e do autocontrole emocional e corporal. Concomitante a isso, o risco é percebido pelos praticantes como um elemento essencial que intensifica a experiência esportiva e dá significado à vida dos praticantes e à prática em si (Rocha, 2011). A fala de Yuri "sem emoção não tem graça", reflete tais concepções, de que o risco é parte fundamental da experiência no parapente. Em vista disso, o instrutor parece enfatizar esse elemento ao decidir decolar sem o capacete, valorizando o enfrentamento de situações arriscadas, que podem acontecer nesta prática, atribuindo de forma positivada o risco que enfrentou, como algo que dá "graça" e significado a ela.

---

11. Categoria nativa utilizada quando o praticante ou o parapente fica preso em uma árvore.

12. Todos os nomes aqui citados serão fictícios a fim de preservar as identidades destes interlocutores.

13. Porém, há um parapente reserva na selete (espécie de cadeira) como parte do equipamento que acompanha todas as decolagens.

Nos primeiros voos realizados no estado do Rio de Janeiro, Nick, instrutor há 25 anos, me descreveu que era mais comum do que se registra hoje, "nego entrando por dentro de árvore, nego descendo morro de cabeça, capotando, se embolando em equipamento, era a maior doideira (risos)" (Diário de Campo de 26 de abril de 2024). Ou seja, havia um risco maior, se comparado à segurança da prática atual, com tecnologias novas e constante aperfeiçoamento de velames[14]. Todavia, esse elemento sempre foi parte integrante deste esporte, e sempre será; no parapente praticado no Parque da Cidade de Niterói, não é diferente. Isto pois, o elemento risco não seria apenas uma questão de técnica ou de segurança, mas também, é uma busca por "vertigem" (Azevedo, 2007), ou seja, prazer e novas habilidades.

Há duas décadas, segundo Nick, os que na época se formavam como pilotos, para mais tarde se tornarem os instrutores fixos[15] do Parque da Cidade, realizavam uma competição interna que requeria muita habilidade. Àquele que chegasse primeiro em um determinado quiosque da Praia de Piratininga, ganhava uma recompensa simbólica: "uma bandejona cheia de peixes, mas porque o nível de dificuldade era muito grande na época, com os equipamentos disponíveis... hoje em dia, qualquer aluno decola e vai pra lá, ainda tem uma certa dificuldade, mas melhorou muita coisa" (Diário de Campo de 26 de abril de 2024). Tal competição mostra que, os então pilotos, não apenas assumiam o risco, mas também o transformavam em um elemento de reconhecimento dentro da comunidade de pilotos, associado à identidade do esporte. À luz da teoria do *flow-feeling*[16], que sugere um equilíbrio entre desafio e habilidade como crucial para se alcançar um estado de fluidez e satisfação (Correia, 2019), o risco, nesse contexto, é o desafio que manteria o praticante engajado e emocionalmente envolvido.

O risco não é então apenas um dado objetivo, estruturante da prática, mas é interpretado e significado de acordo com o contexto cultural e social em que os indivíduos estão inseridos (Rocha, 2011). A fala de Nick ilustra como, atualmente, os riscos são controlados de maneira mais eficaz, mas ao mesmo tempo, ele não é eliminado e sim reinscrito em novas formas de significação. A normalização do risco por esses interlocutores não significa uma subestimação das situações arriscadas, mas sim que eles o incorporam como parte inevitável e até desejável da prática, por muitas vezes ser associado a emoções positivas, como prazer e superação.

---

14. O velame é a parte da asa do parapente que proporciona sustentação ao piloto durante o voo, variando de tamanho de acordo com o peso e a modalidade (voo duplo, solo, cross-country, acrobacias etc.).

15. Aqueles que "batem o ponto" e poderiam ser encontrados no Parque da Cidade de Niterói, qualquer dia da semana, a menos que previsões de má condição de tempo ou um agendamento em outra rampa de decolagem, acontecessem.

16. Correia (2019) descreve esta sensação como um estado de total absorção na atividade, onde o indivíduo se funde à tarefa, perdendo a noção de tempo e autoconsciência, seria então, a sensação de fluir.

Ao iniciar este estudo nesse esporte radical, em uma pesquisa nas ferramentas de busca on-line, analisei e percebi que a esmagadora maioria das informações noticiadas relacionadas a este esporte na mídia, de forma geral, envolvem apenas os acidentes, sejam eles fatais ou não. Em um levantamento no Portal de Teses e Dissertações CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), encontrei apenas seis trabalhos com a temática do voo livre; destes, quatro trabalharam com o risco como elemento principal. Cinco deles são da área da Educação Física (Moura; Soares, 2014; Abdalad, 2001; Azevedo, 2007; Pimentel, 2008; Zimmermann, 2001) e um do Ensino de Ciências da Natureza. Este último, utilizou da prática do voo livre no Parque da Cidade de Niterói, para o ensino de física, associando-o a conhecimentos básicos como velocidade relativa, dinâmica de fluidos e transmissão de calor (Silva, 2020).

Moura e Soares (2014) abordaram o risco de forma multifacetada, destacando que este conceito pode ser interpretado de diferentes maneiras, dependendo do contexto e das experiências dos indivíduos. Analisando a diferença entre o risco percebido e o risco real, os praticantes criam um discurso que está constantemente em negociação com esses dois aspectos, dando sentido e legitimando suas práticas (Moura; Soares, 2014). O risco no voo livre é associado então, à interação com o ambiente natural, descrito e percebido como uma força poderosa e, muitas vezes, imprevisível, mas que são possíveis de serem geridos através do autoconhecimento, de equipamentos tecnológicos avançados e habilidades adquiridas (Abdalad, 2001).

> Os riscos oferecidos pelo convívio social (violência, colapso da economia mundial, epidemias, catástrofes naturais etc) são riscos que, previstos para acontecerem no futuro, influenciam os acontecimentos do presente, enquanto os oferecidos pelo voo livre são voluntários, permitindo ao piloto um enfrentamento real, cercado de todo aparato tecnológico, confiante em sua habilidade para lidar com fenômenos naturais e suas variações (Azevedo, 2007, p. 3).

Considerando os ótimos trabalhos já desenvolvidos com foco no risco, nesta pesquisa que desenvolvi no Parque da Cidade, pretendi enfocar a percepção dos instrutores quanto a suas emoções e suas vivências, não necessariamente focando o risco que envolve a prática. Suas interpretações quanto a este elemento se mostraram multidimensionais, não apenas como um risco iminente, mas integrando de diferentes formas aspectos como medo e coragem, experiência e técnica, superação e responsabilidade.

Esse grupo de interlocutores[17] trata o risco como uma possibilidade constante, que só ganha destaque em situações e histórias extremas e/ou fatais – assim como identificado na mídia. Em uma conversa com Allan, instrutor há 15 anos, e Romeu, instrutor há 21 anos, eles comentaram que mesmo "pecando" nos três requisitos para um bom voo: capacidade técnica, equipamento adequado e condição meteorológica "top", o parapente não possui velocidade para matar[18] e por isso, quando as coisas dão erradas, se dão errado, na esmagadora maioria, não há fatalidades. "Então eu falo que o parapente, ele te perdoa muito né, ele faz com que você possa viver o esporte de uma forma... mesmo com um nível baixo, com equipamento errado, com condição errada, ele permite ainda que você saia ileso." (Diário de Campo de 26 de abril de 2024). Allan reforça que, apesar de cometerem erros humanos, o "parapente te perdoa muito".

Ou seja, é possível interpretar que há uma diminuição do risco percebido e do risco real (Moura; Soares, 2014) no voo de parapente por este grupo, com uma significativa confiança no equipamento. Embora o esporte envolva certos riscos, os instrutores como Allan e Romeu parecem confiar nas medidas de segurança, em suas habilidades e no equipamento para mitigar tais riscos, reafirmando que, em muitos casos, o parapente oferece uma margem de confiança e segurança considerável.

Correia (2019) destaca que muitos acidentes no voo livre, ocorrem mais por erro humano, do que por falha do equipamento, o que dialoga com a visão de Allan, que só considera um acidente:

> quando acontece algo inevitável. Se eu tô fazendo tudo certo e acontece algo inevitável, que eu sei que podia acontecer, foi eu que me coloquei nesse negócio, mas se fiz tudo certo e mesmo assim aconteceu, aí isso é acidente. Agora, se me machuquei e foi por algo que eu fiz, aí não foi acidente, foi culpa minha (diário de campo de 01 de maio de 2024).

Esse tipo de discurso é comum em esportes radicais, onde os praticantes enfatizam a capacidade de prever e controlar situações adversas, com uma "visão aguçada" pela antecipação, reduzindo a percepção de vulnerabilidade diante do risco (Pimentel,

---

17. Foram 15 interlocutores que participaram ativamente da pesquisa, todos do gênero masculino, numa faixa etária entre 27 e 67 anos, dos quais se denominam e se descrevem como instrutores. Doze deles são casados, sendo que 5 possuem filhos. Quanto a escolaridade, 26,67% deles fizeram pelo menos uma graduação completa e os outros 73,33% possuem Ensino Médio completo. Dentre os que fizeram parte ativa desta pesquisa, 46,67% identificam-se como brancos, 20% como pardos e 33,33% como negros. No tocante à renda mensal e classe social, tive maior dificuldade em desenvolver conversas sobre o assunto, o que pude analisar quanto a esta questão é que nenhum deles se considera de classe baixa, afinal, possuem os meios de adquirir seus equipamentos com a relativa constância na quantidade de voos que realizam por dia (uma média de até 6 voos no Parque), o que gera alguma rentabilidade.

18. A velocidade do parapente varia de 25 a 60 km/h, mas deve-se considerar que isto só é valido, na opinião do instrutor, se não ocorrer uma das três possibilidades de maior risco no parapente, já mencionado no início deste texto.

2008). Isso também se reflete no modo como os instrutores lidam com as normas de segurança[19] e o aprendizado de seus alunos[20], cuja minimização de riscos se dá na prática e no desenvolvimento de um *habitus*[21] (Bourdieu, 1978) padronizados e incorporados.

Na sociedade moderna, os riscos são distribuídos de maneira desigual e, muitas vezes, a responsabilidade por evitá-los recai sobre os indivíduos, tornando-se algo pessoal, mesmo quando fatores externos podem estar envolvidos (Beck, 2010). A frase de Allan "se fiz tudo certo e mesmo assim, aconteceu" para definir um acidente, reflete essa visão individualizada do risco moderno, que é reproduzido entre os instrutores e seus alunos.

Ao preparar os passageiros para decolagem, percebi que Camilo, instrutor há 15 anos, sempre mexia os lábios durante o processo de afivelar o equipamento nos passageiros, como se falasse sem emitir som. Em dado procedimento de uma de suas decolagens, me aproximei para perguntar se estava seguindo alguma ordem para os preparativos daquela passageira. Rindo, ele me informou que eu havia interrompido exatamente seu *checklist* mental. Já que havia interrompido mesmo, Camillo me explicou que adaptou os *checklists* de papel, que utilizava na aviação civil, à dinâmica mais ágil e frenética do parapente. Ele sempre segue os mesmos protocolos e a mesma ordem para afivelar cada parte da selete, em cada nova decolagem, de forma padronizada; assim, sabe que está tudo pronto, ao vestir sua luva branca de inverno[22].

Muitas são as alternativas de se garantir que todas as fivelas e fitas estejam devidamente ajustadas, como a de Camillo da verificação mental, ou como as técnicas de ancoragem[23], descritas por Allan. Isso demonstra como a segurança é para estes interlocutores, uma construção que se dá no cotidiano da prática, alimentada pela convicção

---

19. Com a regulamentação da Confederação Brasileira de Voo Livre (CBVL) e a fiscalização da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC).

20. A categoria aluno recai sobre aqueles que estão inscritos nas escolas de voos desses instrutores e treinam para se tornarem pilotos. Já a categoria passageiro é designado àqueles que são visitantes do Parque, ou agendaram apenas um voo "contemplativo" e "turístico".

21. Enquanto Mauss (2003) enfatiza a dimensão corporal e a produção social do habitus, tratando-o como uma técnica do corpo e uma elaboração da prática coletiva e individual, Bourdieu (1978) expande essa noção ao integrá-la às práticas sociais mais amplas, estabelecendo articulações entre o corpo e a esfera ideológica-simbólica na estrutura da reprodução social (Landini, 2007).

22. A atenção ao detalhe se estende também ao uso das luvas, um item nem tão comum entre os outros instrutores. Fora Camillo, apenas outros três interlocutores faziam uso desse equipamento regularmente. Camillo explicou que, a escolha se justifica ao proteger tanto suas próprias mãos contra possíveis queimaduras de atrito com as linhas de comando do parapente, quanto para evitar que o óleo natural da pele humana acelere o desgaste do equipamento.

23. Técnicas de ancoragem servem para gerenciar suas próprias emoções, advém do conceito *Rapport* da Programação Neurolinguística (PNL), que se refere a associação de um estímulo físico ou mental, a um estado emocional específico (Instituto IBND, 2024). Ao criar âncoras corporais, Allan não apenas gerencia suas próprias emoções, como demonstra um autocontrole que pode ser desenvolvido por meio de técnicas conscientes e repetidas. Estas mesmas técnicas, ele diz, o ajuda a entender o que o passageiro está sentindo, que muitas vezes não consegue dizer verbalmente. Isto pois, o corpo é capaz de sinalizar reações, antes mesmo que a mente consciente as perceba, o que destaca como o corpo, neste contexto e para este grupo, não é apenas um instrumento, mas uma fonte de conhecimento.

no acúmulo de experiência, habilidades e confiança no equipamento. Beck (2010) destaca que a modernidade se tornou reflexiva, ou seja, passou a problematizar seus próprios riscos e efeitos colaterais, o que gera um paradoxo: a sociedade tenta mitigar seus riscos e acaba produzindo novos neste processo reflexivo. No parapente, os instrutores demonstram essa reflexividade ao desenvolver estratégias para minimizar os riscos (como o uso de *checklists* e protocolos de segurança) e, ao mesmo tempo, incorporam em suas narrativas a aceitação do risco, como elemento fundamental da experiência do voo.

A construção do discurso de meus interlocutores em torno da segurança e do risco é de uma leitura otimista e controlada da prática, mesmo quando reconhecem que situações extremas podem ocorrer; uma percepção semelhante à relatada por praticantes de outros esportes de aventura. Como no rafting, do qual os condutores buscam estratégias para o gerenciamento constante do risco e, com base no conhecimento técnico e na "leitura" das condições naturais, desenvolvem a habilidade específica chamada "ler o rio", que permite antecipar e reagir aos desafios imprevisíveis das corredeiras (Bandeira, 2012). Já no *base jump*[24], a percepção do risco, define a própria existência. O risco de morte é constantemente existente na vida dos organismos, uma realidade inescapável. Com isso, atravessando uma fronteira simbólica entre a vida e a morte, seus praticantes o veem como uma maneira de transcender a rotina da vida cotidiana, da qual a superação e a coragem são valores centrais (Rocha, 2011).

Estas diferentes abordagens quanto ao risco revelam como ele é construído e interpretado de diferentes formas, em cada esporte e em cada contexto. Contudo, em todos os casos, o risco é, ao mesmo tempo, descrito como fonte de prazer e uma forma de ultrapassar limites das habilidades técnicas, físicas e emocionais humanas. Muitas vezes, é exatamente esse componente que cativa seus praticantes, como a incerteza e o desafio, que, cientes deles, aceitam esta realidade arriscada e se preparam para ela (Azevedo, 2007), como na trajetória de Romeu, descrita a seguir:

> Assim, quando eu cheguei aqui... aliás, quando eu fui convidado pro esporte, foi através de um amigo meu. Nunca tinha visto de perto né, o equipamento, nunca tinha vindo aqui [no Parque], nunca vi ninguém decolar, ninguém pousar... via assim, no alto. Aí, um amigo, ele me ligou na noite anterior ao meu primeiro dia de curso e falou: "Ó, um lance chamado parapente... Eu tô interessado e..." bom, resumindo, ele me fez o convite pra iniciar o curso junto com ele. Eu aceitei o convite, vim aqui no dia seguinte ser apresentado ao instrutor, lá embaixo [do Morro da Viração]. Cheguei aqui e tava tendo um evento de jipeiros[25], usando

24. Derivado do paraquedismo, com características e finalidades diferentes, o base jump consiste em saltos de estruturas fixas e baixas, utilizando paraquedas.

25. Entusiastas de jipes e veículos *off-road*. Essas pessoas têm uma paixão por aventura e adoram explorar terrenos acidentados e desafiadores.

> o pouso. Então, o pouso tava dividido, meio pouso para o voador e meio pouso para o jipeiro. Um dia de [vento] norte clássico, tinha uns 60 parapentes no alto. Aí, a gente, sentado lá embaixo conversando assim, bem tranquilo né, direcionando a gente né, dando as instruções básicas, explicando como que funciona o esporte e nisso... me veio Marc... que tava iniciando ainda... veio Marc, atravessando a beira daquele penhasco, "no peito". Boom! Capotou do outro lado. Eu olhei pra aquilo, pra quem nunca tinha visto o esporte de perto né, eu já olhei assim... [de olhos arregalados]. Aí eu já cocei a cabeça... falei: "É assim mesmo cara? A parada é sem controle?" e Halisante [o instrutor], muito calmo, falou "não, não é sem controle não, é porque hoje é um dia de feriado prolongado, e o pouso está limitado, tem muita gente que vem de fora...", dando aquelas explicações que a gente costuma explicar também, "é pessoal que não estão acostumados com a região e tal". E nisso, no meio da conversa, me vem um cara "de calda", pousou em cima da [carro] Hilux e quebrou o braço (risos), eu fiquei... "puta que pariu, cara, não dá não!". Porra, o Tony, muito meu amigo, tava muito empolgado com a situação, virei pra ele, perguntar se ele ia fazer essa parada mesmo e ele disse: "Vô cara, vô!" E o Halisante tá ali na lábia, procurando convencer. Daqui a pouco, na biruta, meu irmão... ouvi um grito assim, quando eu rodei, o cara caiu do meu lado. Eu me levantei, eu tava sentado na calçada, falei: "Tony, boa sorte pra você! Felicidade na tua vida nesse esporte, mas eu não quero não!" (risos). Conheci num dia muito "punk" sabe? O Halisante vira pra mim e me convence a me trazer aqui pra cima né, porque o Tony queria muito, ele e o irmão dele, eram dois irmãos, eles queriam muito fazer... Falei: "Tá bom, vamos lá, visitar a rampa lá...". Cheguei aqui, [o vento] já tinha virado sudeste, Halisante chegou aqui, já tava aquela condiçãozinha [meteorológica] legal e falou assim pra mim: "Ó, você que está com mais medo, fica por último, eu vou decolar com ele aqui, vou lá, vou voltar e vou pousar na rampa, aqui". Olhei pra ele e disse: "Você tá de sacanagem, vendo o que eu vi lá embaixo? É igual camicase[26], não tem controle, não tem nada... tu vai mesmo pousar aqui no centro? Dessa rampinha? Desse quadradinho aqui?" e ele: "Vou!". "Vai não!". Eu duvidei né. Eu fiquei naquele canto ali [da rampa sul] e daqui a pouco ele faz, tum [decola], tum [planeia/voa], tum [pousa] no meio da rampa. Eu "hum..." Aí Halisante disse que ia com o outro, pegou o irmão do meu amigo, e fez a mesma coisa! Quando pousou, eu virei pra ele e falei empolgado: "Agora é minha vez né?" (risos). Ai já começou... Assim né, como o Allan falou, pro leigo é uma coisa de louco, mas se a gente acompanhar durante um período, a gente vê que não é. Tem os inconsequentes, mas..." (Diário de Campo de 26 de abril de 2024).

Seu relato contribui para a discussão, ao evidenciar como a percepção de risco pode variar dramaticamente entre praticantes experientes, iniciantes ou não praticantes. Halisante, o instrutor, desempenhou um papel crucial ao tentar tranquilizar Ro-

26. Referência aos pequenos aviões japoneses, carregados de explosivos que, no fim da Segunda Guerra Mundial, serviram de arma explosiva, sendo que o piloto voluntário se atirava com o avião sobre o alvo inimigo.

meu e explicar que as situações observadas estavam relacionadas a fatores contextuais. Se Halisante não tivesse o "convencido", Romeu afirmou que não teria a vida que tem hoje, pois possivelmente não voltaria a procurar o esporte, indicando que a figura do instrutor não se restringe à confiança na técnica e no equipamento, mas também a uma construção de confiança emocional entre este e o passageiro.

O risco no voo livre também funciona como um elemento simbólico e afetivo. Halisante, ao auxiliar na reconfiguração da percepção de Romeu, ajudou-o a superar seu medo inicial e criou um ambiente emocionalmente seguro para o estabelecimento de uma rede de interações sociais. Embora a decisão de voar envolva um componente de autonomia, a prática do parapente é sustentada por redes sociais complexas, nas quais a segurança é construída coletivamente (Pimentel, 2022). Esses instrutores constroem discursos que minimizam o risco e reforçam a segurança para os seus passageiros e alunos.

Ao tomarem consciência de uma visão negativa arraigada a respeito da prática[27], eles incorporam essa interpretação em suas narrativas, integrando-a em seu meio, com novos significados. Essa elaboração desafia uma visão simplista desse esporte radical, como sinônimo de uma prática completamente cercada apenas por situações arriscadas. Esta prática "fora do comum" é sentida e vivida no Parque da Cidade de Niterói não apenas como uma atividade na natureza, mas como um espaço de construção de significados e visões de mundo.

Além disso, a percepção do risco não é homogênea e a presença de um passageiro no voo duplo introduz novas variáveis e desafios, aumentando o nível de precaução, mesmo que os passageiros tenham ciência que se trata de uma atividade desportiva de alto risco. Essa dualidade, destacada por Paixão *et al.* (2011), demonstra como o risco nos esportes de aventura é constantemente negociado, variando de acordo com a situação e os atores envolvidos.

A habilidade dos instrutores em se ajustar corporalmente para maximizar a segurança pode refletir e reproduzir uma compreensão ocidental moderna de que o corpo possui uma lógica própria e seu aprimoramento é essencial para o sucesso da prática. Os praticantes não apenas gerenciam o risco, mas o vivenciam como uma forma de aperfeiçoamento pessoal e profissional, que não é um fim em si mesmo, mas um processo que reforça valores culturais e identitários (Duarte, 1999).

Dessa maneira, assim como o corpo, os equipamentos de segurança e protocolos não são meramente ferramentas físicas e materiais, como também atuam como símbolos que representam elementos considerados relevantes para o grupo e suas dinâmicas

27. Quanto a uma representação social da noção de "loucura", como associação comum entre esportes radicais, que é reinterpretada por esse grupo de instrutores, procurando demonstrar a segurança da prática, do equipamento e de suas habilidades como legitimação de suas atividades.

sociais (Sahlins, 1979). À vista disso, quando Yuri decidiu voar sem capacete, ele não apenas assumiu um risco pessoal, mas desafiou, de certa forma, um marcador que reforça a legitimidade deste grupo e suas práticas neste local.

É possível perceber uma visão pragmática do risco, da qual a aceitação e a forma como é gerida dependem do nível de competência. Essa concepção pode ser relacionada com a discussão de Gay (1995), da qual argumenta que, em sociedades que tentam controlar a agressão, seus indivíduos desenvolvem uma consciência sobre o risco que estão dispostos a correr. Já os meus interlocutores, consideram "normal 'topar' numa árvore, faz parte. Nunca tive nada de grave, e eu tô voando há anos, nada que eu diga 'ah, quase morri!'... não. Nem nunca quebrei nada, mas faz parte do esporte." (conversa com o instrutor Murilo, diário de campo de 26 de abril de 2024). Essa naturalização reflete tal aceitação do risco e, ao enfrentar e administrá-lo, esses instrutores também constroem sua identidade dentro do grupo estabelecido ali, no Parque da Cidade de Niterói. Nesse sentido, o pragmatismo dos instrutores em relação ao risco – "faz parte do esporte" – não é apenas uma aceitação passiva, mas uma afirmação de domínio sobre ele.

Ao longo da carreira desses instrutores, diversas estratégias que buscam sempre amenizar os riscos que envolvem a prática são desenvolvidos. No caso do voo duplo, como os movimentos do corpo do passageiro influenciam no comando da asa do parapente, passageiros mais inquietos, geralmente são os mais instruídos[28] sobre como se portar durante decolagem, voo e pouso; instruções como não se sentar antes de sair da rampa, não ficar balançando as pernas em voo, não puxar nenhuma linha de comando, não se inclinar demais, entre outras. O mais comum, relatado por eles, é de passageiros praticamente imóveis, tranquilos e deslumbrados com a vista. Mas nem sempre. Diversas foram as ocasiões que presenciei passageiros se sentando antes da hora, passageiros tropeçando na hora da corrida ou até ajoelhando na rampa, em vez de correr; por duas vezes, presenciei *arborizações*[29] no Parque e uma vez um dos alunos saiu mancando, sentindo seu tornozelo inchar por conta de uma das corridas que executou para decolagem. Isto pois, o risco sempre será parte intrínseca da prática desse esporte.

Conversando sobre o quão seguro era um voo duplo de parapente, Nick comentou que costuma dizer, aos seus clientes, que os instrutores não vendem voos. Na verdade, o que vendem é segurança: "Tem algumas pessoas que não sentem segurança

28. As instruções na rampa acontecem de formas diversas, cada instrutor abordando as direções de voo a sua maneira. O padrão identificado foi que, pelo que observei em campo, primeiro acontece uma conversa com o passageiro, explicando como é o voo e como ele acontece, depois fazem uma simulação da corrida na rampa, equipam o passageiro, e por vezes, refazem a simulação, agora com o peso da selete (espécie de cadeira) influenciando o corpo do passageiro.

29. Instrutores que ficaram presos em árvores com seus equipamentos.

em alguns pilotos. Se a pessoa olhar pra sua cara e falar 'meu irmão, não senti, não rolou aquela conexão', a pessoa não vai voar com você." (Diário de Campo de 11 de janeiro de 2025). Isso sugere que o vínculo de confiança e segurança entre instrutor e passageiro é tão determinante quanto os equipamentos ou a própria experiência em si.

Os instrutores, ao minimizarem os riscos em seus discursos, não apenas tranquilizam os passageiros, mas reforçam também sua própria posição como mediadores da experiência de voo, que abarca também a gestão das emoções. Isto é relevante, pois estamos falando de uma aeronave de duplo comando, do qual o passageiro tem acesso a prejudicar o voo: "ele pode agarrar as linhas e fechar o parapente, pode se desconectar, o passageiro pode nos dar tapas, cara... O passageiro pode surtar em voo. Eu tenho um medo disso acontecer comigo..." (conversa com Allan, Diário de Campo de 26 de abril de 2024). O risco nos esportes de aventura é também uma construção subjetiva que exige dos instrutores habilidades para prever, controlar e minimizar fatores (Paixão *et al.*, 2011), que envolvem também o comportamento humano que podem impactar diretamente na condução da aeronave.

O medo relatado por Nick e Allan é compartilhado pelos outros instrutores do Parque. Tal é experienciado de forma distinta (dos praticantes de solo e passageiros) pelos instrutores, que, apesar da familiaridade com a prática, é uma emoção que relatam não desaparecer com o tempo; o medo, para eles, se transforma. Em entrevista com Gil, instrutor há quatro anos, perguntei a ele se, como instrutor, sentia as mesmas emoções de quando era apenas piloto solo[30]:

> Sim, sabe por que, quando você decola, bate a mesma adrenalina de: 'caraca eu vou ter que sair daqui voando'. Sair desse estágio aqui, de uma emoção meio apreensiva [na rampa] e agora eu tô aqui rindo com o passageiro, porque a gente tá voando e seguro... a gente fica seguro quando tá voando. E dá uma insegurança quando você vai sair do chão. Então, tem essas emoções que a gente [instrutores] sente que é medo né. É um medo diferente do que o passageiro sente. O medo do passageiro é com o novo, o medo do instrutor é de acontecer o que já aconteceu, coisas velhas, o passageiro teme coisas novas (Diário de Campo de 11 de janeiro de 2025).

Sua resposta sugere que no solo há uma apreensão ligada à incerteza da decolagem e a administração do medo do passageiro, mas, no ar, a sensação de domínio e segurança é valorizada por ele. No caso dos instrutores do Parque da Cidade, essa se dá pelo acúmulo de conhecimento e pela adaptação às imprevisibilidades da prática. Por isso, a figura do instrutor de esportes de aventura envolve não apenas a instrução

30. Modalidade de parapente onde apenas o piloto está na aeronave.

técnica, mas também uma mediação corporal e psicológica da experiência (Paixão *et al.*, 2011). Ancorado em vivências passadas, eventos já conhecidos e acidentes já testemunhados, o medo dos instrutores contrasta com o dos passageiros, que na maioria das vezes, voam pela primeira vez. O medo deles decorre, muitas vezes, da novidade.

Os riscos na modernidade não são apenas objetivos, mas também construções sociais que dependem da percepção e da interpretação dos indivíduos e dos grupos sociais. A distinção entre o medo do instrutor (baseado em experiências passadas) e o medo do passageiro (ligado ao desconhecido) ilustra essa construção social do risco (Beck, 2010), evidenciando como a experiência modifica a percepção desse elemento, que, na modernidade, sua gestão é percebida como parte do processo de subjetivação dos indivíduos (Giddens, 1991).

Na conversa com Mavi, aluno de Allan, ele chama atenção quanto à fiscalização da ANAC (Agência de Aviação Civil) no Parque. Assim como os duelos do *Mensur*[31] foram regulamentados para conter a violência e promover um comportamento "civilizado" (Gay, 1995), no parapente, a regulamentação busca assegurar a proteção dos praticantes, reduzir acidentes e situações arriscadas. Embora ambos os casos tratados aqui envolvam uma regulamentação de práticas arriscadas, os significados do risco e os objetivos das normas são profundamente distintos. Apesar disso, mesmo entre práticas tão diferentes, acredito ser possível estabelecer uma comparação: o Mensur envolvia ferimentos deliberados como forma de demonstrar coragem e pertencimento a um grupo, em que a regulamentação visava evitar excessos. No parapente, o risco não é um elemento buscado como parte da identidade do praticante, mas algo a ser gerenciado e minimizado, para garantir a continuidade do esporte.

Isso reflete uma abordagem mais ampla da sociedade atual sobre como lidamos com atividades que envolvem situações arriscadas. O Mensur estava inserido ao contexto aristocrático e acadêmico alemão, reforçando hierarquias e valores tradicionais. Já o parapente, por sua vez, está conectado a cultura esportiva contemporânea, em que a regulamentação busca minimizar os riscos, sem atribuir a eles, um significado simbólico positivo. Um atributo positivado ao risco é concedido pelos praticantes na forma que o interpretam, como elemento partícipe da experiência do parapente.

> **Mavi:** Têm muito curioso né, que vem saltar sem instrutor, vem aprender sozinho e aí acaba acontecendo algum acidente. De vez em quando a gente vê alguém mergulhando nesse mato aí [abaixo da rampa norte]. Mas o meu ins-

31. Práticas ritualizadas de duelos para controle da agressão em sociedades modernas entre universitários alemães, na metade do século XIX. O objetivo não seria necessariamente vencer o duelo, mas acumular cicatrizes (costuradas grosseiramente, por estudantes de medicina, no intuito de permanecer com a marca), como símbolos de coragem e status, assim, legitimando sua identidade e reforçando laços sociais, dentro das fraternidades (Gay, 1995).

> trutor também fala que: "atleta no parapente que não *arborizou*... Ah então, se você não *arborizou*, você vai *arborizar* um dia". Mas é bom evitar porque dá um trabalho do caramba tirar de lá [o parapente dos galhos de árvore]. Mas se você nunca *arborizou*, tem alguma coisa errada também (risos), é tipo o batismo, entendeu? "*Arborizei* ali", pronto, tu estás pronto (risos). (Diário de Campo, de 01 de maio de 2024).

Para eles, o *arborizar* (que deixa cicatrizes) não são apenas as marcas de um acidente, mas representações de seus esforços e habilidades ao enfrentar desafios. A ideia de colidir com árvores durante o voo ou no pouso é apresentada por Mavi com um tom de humor, que também indica um reconhecimento da inevitabilidade do risco no parapente. Nesta prática, a *arborização* torna-se como um rito de passagem[32] (como um batismo o é), uma forma de legitimar a prática e a identidade do indivíduo como praticante, não mais na classificação de novato. Se, no Mensur, as cicatrizes serviam como símbolos de bravura e *status* (Gay, 1995), no parapente, as cicatrizes do *arborizar* compõem as histórias de superação e aventura dos praticantes.

Portanto, é possível identificar uma certa valorização do *arborizar*, uma vez que ela marca corporalmente a entrada no grupo. Embora o Mensur e o parapente envolvam o componente do risco e um processo de legitimação do praticante por meio da experiência das cicatrizes, os significados às marcas não são equivalentes. O *arborizar* é reconhecido como uma experiência comum e até esperada na trajetória do praticante, como explana Mavi, encarado como uma marca da vivência no esporte. No entanto, diferente do Mensur, a busca pelo risco não é um objetivo em si, já que é reconhecido como inevitável. As cicatrizes, nesse caso, não são como um troféu almejado, mas consequências aceitas e significadas dentro da experiencia de voo.

No parapente, as cicatrizes do *arborizar* são elementos contingentes que ganham significados dentro da comunidade de voadores, mas que idealmente deve ser evitado, já que "dá um trabalho do caramba tirar de lá". Alguns interlocutores narraram e chegaram a me mostrar algumas de suas cicatrizes, adquiridas com a prática. Um deles tem marcas em um dos braços, de quando caiu com o parapente no meio de uma avenida, tombando na lateral de um carro, que se encontrava parado no semáforo. Outro instrutor possui pinos em um dos joelhos, pois caiu em um telhado e me relatou que sua passageira sentiu dores na lombar com o acidente. Outro instrutor, em uma *arborização* seguida de uma queda, bateu forte no chão e teve três vertebras trincadas com uma

32. O antropólogo Victor Turner (2005), inspirado nas reflexões de Arnold Van Gennep (1960), dedicou-se à temática do ritual e dos ritos de passagem. Para ele, o rito de passagem é um processo de transformação social ou individual que marca a transição de um estado ou posição, para outro. Nesta transição, o autor concentrou-se na fase da liminaridade, um limbo classificatório de tal transição (Turner, 2005).

cicatriz na lateral do tórax. De acordo com os interlocutores, não é comum, mas acontecem machucados que fazem parte do processo de aprendizagem e da minimização desses riscos inerentes à prática de um esporte radical.

Para eles, é possível perceber com isso, que há também uma noção de aprendizado contínuo associado ao risco. Os praticantes interpretam cada experiência arriscada como uma oportunidade de crescimento, autoconhecimento corporal e emocional e de melhoria de suas habilidades. Nesse sentido, o risco recebe um papel pedagógico, como um instrumento, do qual as falhas, quando ocorrem, são lições que fortalecem a vivência no esporte e a capacidade do praticante. Em duas anotações de campo, de alunos de Leonardo, instrutor há 30 anos, podemos refletir sobre isso:

> Leonardo deu uma bronca no seu aluno, Orlando, falando que na rampa sul do Parque é complicado de se abrir o parapente antes que o piloto peça, já que ele ainda não estava pronto e nem acoplado. Orlando havia aberto o parapente e o esticou; quando o vento veio forte, o parapente catapultou o instrutor, ainda não acoplado ao passageiro, para o lado direito, se abrindo: "Está vendo? Vai decolar sozinho, não pode não!". Logo, Leonardo tomou controle da aeronave e Orlando ficou impassível, aceitou a crítica calado. Na saída, quando me ofereceu uma carona até o ponto de ônibus, Orlando me disse que o instrutor tem passado militar e o jeito dele remete isso, mesmo depois de aposentado. A forma como ele ensina, como ele domina o espaço e se impõe com o aluno também faz parte de tudo que ele aprendeu lá. Orlando diz que já lidou com pessoas assim em seu emprego como bombeiro e ele entende que é uma metodologia de "fazer surgir responsabilidade", de entender dos riscos envolvidos ao tratar da própria vida e da vida dos outros. Mas, ele declara que já tinha noção desses riscos e estava comprometido com eles. Então, se mantem "pleno" nas broncas e procura sempre, com seu pensamento prático que a vida lhe deu, alternativas para contornar qualquer erro ou simplesmente saber quando ouvir e calar-se (diário de campo de 19 de dezembro de 2024).

> Sentados nos bancos abaixo da árvore da rampa norte, Nilo me contava como iniciou as aulas com Leonardo, quando o instrutor chegou no Parque e se sentou ao nosso lado. Ao ouvir Nilo me contar sobre sua forma mais séria de ensinar, Leonardo se lembrou da sua atual aluna (uma das poucas mulheres que instruiu), que teve uma aula no dia anterior e segundo ele, quando teve de "dar um esporro nela", bateu em sua mão, exclamando que fazia aquilo, para que a aluna marcasse, como "uma memória muscular", o que não fazer. Mas, por conta da agitação, Leonardo se lembrou que bateu muito forte e foi repreendido pela moça, o que o fez se sentir envergonhado, pedindo desculpas e propondo mudar aquele método com ela. Ontem, ela conseguiu realizar seu primeiro voo solo e ele disse estar feliz pela conquista dela (diário de campo de 11 de janeiro de 2025).

O risco não é, necessariamente, algo a ser evitado, mas algo com o qual os praticantes aprendem a lidar, em uma autoconsciência, e a negociação constante entre o desejo de voar e a necessidade de segurança. Diferentes estilos de ensino, refletem não apenas a preocupação com a segurança, mas também a maneira como a experiência com o risco influencia a relação entre instrutor e aluno. Le Breton (2006) aponta que os esportes de aventura não apenas colocam os praticantes diante de desafios físicos, mas também os ensinam a controlar e desenvolver uma relação pragmática com ele. A "bronca" em Orlando pode ser interpretada como uma forma de reforçar a seriedade da prática, em uma abordagem que visa "fazer surgir responsabilidade", um valor simbólico do grupo. Esta responsabilidade é construída não apenas através da técnica, mas também de um *ethos* disciplinar para alguns desses instrutores, como Leonardo.

Todavia, esta "pedagogia do risco" não é fixa, mas se adapta, como no caso da aluna de Leonardo. O desconforto dele ao perceber que a correção foi excessiva revela a importância da negociação entre diferentes estilos de ensino e sensibilidade para lidar com as emoções próprias e dos seus alunos. O aprendizado não é um processo unilateral e os instrutores estão constantemente ajustando suas metodologias[33], buscando reforçar que o risco no parapente, não é algo a ser completamente eliminado, mas sim compreendido, gerenciado e, em certa medida, incorporado ao aprendizado. E, concomitantemente, é possível interpretar que o risco pode ser também, neste campo, um agente pedagógico, que ensina autoconfiança, responsabilidade e gerenciamento na forma como cada praticante lida com ele.

Considerações finais

No contexto do parapente, os praticantes não estão apenas envolvidos em uma atividade física, mas estão vivenciando uma experiência emocional e corporal, carregada por diferentes significados e sensações emotivas. A busca pelo prazer e das sensações positivas, neste contexto, pode ser relacionado com o hedonismo moderno: não está apenas em busca de satisfazer suas necessidades materiais, mas de experimentar prazeres emocionais que são constantemente alimentados pelo devaneio e pela fantasia[34] (Campbell, 2001). Não seria apenas a realização da atividade que caracterizaria a busca

33. Isso também destaca como o ensino no parapente, pode exigir abordagens mais flexíveis, especialmente quando envolve mulheres, que historicamente tiveram menor inserção nesses esportes e podem reagir de formas diferentes, a métodos tradicionalmente mais rígidos (Paixão *et al*., 2011).

34. Imagens ilusórias percebidas como reais, criadas pelo indivíduo, para intensificar seu próprio prazer. O devaneio, envolve a reconstrução imaginativa que antecipa um evento real ou possível da vida. Já a fantasia, não se limita a realidade, dobrando-se segundo suas próprias lógicas imaginativas. (Campbell, 2001).

pela prática do voo livre, mas também, a antecipação do voo, as emoções que ele pode despertar e a satisfação simbólica de voar.

Com isso, é possível compreender que esses instrutores não buscam apenas a realização da técnica apreendida ou a parte física do esporte; procuram por uma experiência e buscam transmiti-la. Uma vivência que é emocional, corporal e simbólica, que se conecta a um imaginário social de "voar como um pássaro", um desejo muito antigo da humanidade, primeiro encontrado na mitologia grega com a história de Ícaro e seu pai, Dédalo. Para fugir do labirinto onde se encontravam presos, os dois constroem asas artificiais, com cera de abelha e penas de gaivotas. Contudo, Ícaro foi tomado pela sensação de liberdade e voou muito alto; o calor do sol derreteu a cera das asas e ele veio a óbito, com sua queda no mar Egeu (CBVL, 2014).

Conversando com meus interlocutores, a categoria do risco apareceu com frequência, como era esperado ao se falar em um esporte radical. No entanto, procurei demonstrar que não é apenas do risco que ele se define, se constrói e se sustenta. Este é um elemento multifacetado, neste contexto, e são as emoções que a experiência proporciona, a confiança, a segurança e a busca por prazer que são valorizadas e também definem a prática. O risco no parapente é concebido de maneiras diversas: para alguns, ele é parte do combo mental e físico da adrenalina e endorfina, da superação de limites, uma maneira de testar suas próprias emoções e se conectar corporalmente com a natureza em condições diversas etc. Para outros, o risco é interpretado de forma técnica, como algo a ser negociado, gerido e controlado, apreendido e usado junto de conhecimentos técnicos, habilidades e equipamentos compatíveis, para minimizar as situações arriscadas da prática do parapente.

As emoções humanas são construídas a partir de uma série de particularidades que constituem seu contexto, por isso precisam "ser situadas dentro de uma rede de relações de poder para adquirirem significados. Ao mesmo tempo, elas devem ser entendidas como importantes discursos nativos na legitimação de divisões e hierarquias nas atividades esportivas" (Rojo, 2021, p. 186). As emoções são múltiplas e mutáveis; suas expressões podem ser socialmente influenciadas e atribuídas de diferentes significados. No contexto do parapente, no Parque da Cidade de Niterói, há construção de um vínculo afetivo entre os instrutores e seus alunos, e/ou seus passageiros. Vínculo este que não se restringe à confiança na instrução técnica e no equipamento, mas também a uma mediação emocional da experiência, que é tão determinante quanto.

As relações que envolvem o aprendizado, são inseridas em uma rede de relações de poder, do qual o professor (ou instrutor, neste caso) detém o conhecimento técnico e a autoridade sobre tal, que devem ser apreendidas pelo aluno que visa à formação. Embora amizades entre professores e alunos existam, elas são sempre marcadas por

assimetrias, pois há hierarquias envolvidas (Santana, 2023). Ao mesmo tempo que a autoridade do instrutor é estrutural nesta relação, os interlocutores buscam estabelecer um laço afetivo e de proximidade com o passageiro (uma vez que, ao tornar-se aluno, esse laço é estreitado) para que se sinta seguro.

Com o elemento do risco, essa relação de confiança envolve acolhimento, tranquilização e, por vezes, descontrações. Diversas foram as anotações de campo feitas que destacavam as múltiplas maneiras de apaziguamento de emoções de passageiros e alunos, por parte dos interlocutores. Alguns deles os provocavam dizendo frases motivacionais como: "Você subiu todo o Morro da Viração pra isso! Vai com medo mesmo!"[35]; outros, preferiam brincar, fazendo-os rir com suas histórias (que também demonstravam suas experiências); enquanto outra parcela acalentava e confortava os passageiros, oferecendo abraços e longas conversas. Não necessariamente eles permaneciam com os mesmos métodos para diferentes passageiros; na verdade, era possível observar uma constante adaptação na forma com que esses interlocutores lidavam com as emoções em campo. O mais comum eram as piadas e brincadeiras descontraídas, mas aqueles que se mostravam mais reservados e sérios eram tratados da mesma forma, procurando sempre não invadir o espaço da experiência do outro.

Posto isso, o parapente, por envolver o risco, amplifica uma dinâmica que torna o papel do instrutor, não apenas como um mediador quanto à técnica, mas também como um agente de acolhimento e confiança situacional. A mudança de abordagem ao longo de suas trajetórias evidencia que, para esse grupo, o vínculo afetivo não se sustenta na persuasão comercial, mas na construção de um espaço seguro de apresentação do esporte. Nesse espaço, o passageiro tem a possibilidade de amadurecer emocionalmente sua decisão, caso necessite, enquanto os interlocutores buscam inspirar potenciais esportistas a retornarem ao céu, e eventualmente, se inscrevendo em suas escolas de voo para tornarem-se praticantes.

Referências

ABDALAD, Luciana Silva. **A participação feminina nos esportes de aventura e risco: Um vôo no universo do desafio e da incerteza.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, p. 174, 2001.

AZEVEDO, Sérgio Luiz Gomes de. O corpo em risco socializado pelo vôo livre. **XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE.** 2007. Disponível em: https://public.cbce.org.br/uploads/cd/resumos/307.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

35. Diário de Campo, de 12 de abril de 2024.

BANDEIRA, Marília Martins. **No galejo da remada: estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas, SP**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Carlos, p. 199, 2012.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? **Congresso Internacional do HISPA**, realizado no INSEP (Paris), março de 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5548726/mod_resource/content/1/WM-Como%20é%20posssível%20ser%20esportivo%20P.%20Bourdieu.pdf. Acesso em: 07 mar. 2024.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CBVL. A história do voo livre. **Confederação Brasileira de Voo Livre,** 2014. Disponível em: https://www.cbvl.esp.br/upload/letters/A_historia_do_voo_livre.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024.

CORREIA, Maurício Germano. **Análise do Flow-Feeling em Pilotos de Parapente na Cidade de Governador Valadares: Um estudo preliminar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, p. 45, 2019.

COSTA, Vera L. M. O imaginário da aventura. *In:* DIAS, Cleber; JUNIOR, Edmundo (Org.). **Em busca da Aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza.** Niterói: EDUFF, 2009. p. 53-72.

DIAS, Cleber; JUNIOR, Edmundo (Org.). **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro.** Niterói: EDUFF, 2007.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Para uma história do lazer na natureza. *In:* DIAS, Cleber, JUNIOR, Edmundo (Org.). **Em busca da Aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza.** Niterói: EDUFF, 2009. p. 35-52.

DOUGLAS, Mary. **La aceptabilidad del riesgo según las ciências sociales**. Barcelona: Paidós, 1996.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. *In:* HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 21-30.

ENFOCO. Verdades que não te contaram sobre o Parque da Cidade, em Niterói: As dicas sobre os lugares mais procurados no Rio. **ENFOCO,** Brasil, 10 mar. 2023. Disponível em: https://enfoco.com.br/noticias/cidades/verdades-que-nao-te-contaram-sobre-o-parque-da-cidade-em-niteroi-92037. Acesso em: 19 mar. 2025.

GAY, Peter. Mensur. *In:* GAY, Peter; FLAKSMAN, Sergio (Org.). **O cultivo do ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 17-41.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

IBND. INSTITUTO BRASILEIRO DE NERODESENVOLVIMENTO. PNL: conheça a técnica de ancoragem. Rio de Janeiro: **IBND – Blog.** 27 dez. 2024. Disponível em: https://www.ibnd.com.br/blog/pnl-conheca-a-tecnica-de-ancoragem.html. Acesso em: 1 mar. 2025.

JORNAL O DIA. Parque da Cidade recebe melhorias, com mais acessibilidade e impacto para o turismo. **JORNAL O DIA**: Niterói, 09 maio 2024. Disponível em: https://odia.ig.com.br/niteroi/2024/05/6842471-parque-da-cidade-recebe-melhorias-com-mais-acessibilidade-e-impacto--para-o-turismo.html. Acesso em: 1 mar 2025.

LANDINI, Tatiana Savoia. Jogos Habituais – sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. **Anais do X Simpósio Internacional do Processo Civilizador.** Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2007. Disponível em: www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini.pdf. Acesso em: 1 abr. 2025.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: Dos jogos de morte ao jogo de viver**. Trad. Iraci D. Poleti. Campinas: Autores Associados, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. Trad. Paulo Neves. *In:* MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MELO, Victor Andrade. **A vida sportiva de Nictheroy (séc. XIX-1919)**. Niterói: Niterói Livros, 2020.

MOURA, Diego Luz. SOARES, Antonio J. Gonçalves. Esporte de risco e risco no esporte: uma análise do risco percebido no voo livre. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 25, n. 1, p. 53-65, jan./mar. 2014.

OLIVEIRA, Cilene Lima de. **Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Rio de Janeiro, p. 156, 2016.

PAIXÃO, J. A. *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 415-425, 2011.

PAIXÃO, J. A., TUCHER, G. Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. **Pensar a Prática,** Goiânia, v. 13, n. 3, set./dez, p. 1-19, 2010.

PARAPENTE BRASIL. O Esporte. **PARAPENTE BRASIL**, 2025. Disponível em: https://parapentebrasil.com.br/o-esporte. Acesso em: 26 fev. 2025.

PIMENTEL, G. G. Ritos e Risco na Prática do Voo Livre. **Movimento,** Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 13-32, 2008.

PIMENTEL, G. G. Risco e socialidade no voo livre. *In*: DIAS, Cleber; JUNIOR, Edmundo (Org.). **Em busca da Aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza.** Niterói: EDUFF, 2009. p. 83-96.

RIO DE JANEIRO. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. **Projeto de Lei n. 5556 de 04 de junho de 2025**. Declara como Patrimônio Cultural Imaterial, Histórico, Turístico e Paisagístico o Parque da Cidade de Niterói. Disponível em: https://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro2327.nsf/e00a7c3c8652b69a83256cca00646ee5/08933ab0b77516ae03258c9f006c1d7c. Acesso em: 23 set. 2025.

ROCHA, Verônica. Ninguém se arrisca à toa: os sentidos da vida para praticantes do esporte Base-jump. *In:* COELHO, Maria Cláudia, REZENDE, Cláudia Barcellos. **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2011. p. 63-80.

ROJO, Luiz Fernando. Emoções e esporte em diálogo. *In:* CAMARGO, Wagner X.; PISANI, Mariane; ROJO, Luiz. (Org.). **Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira.** Brasília: ABA Publicações; Curitiba: Brazil Publishing, 2021. p. 183-192.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SANTANA, Flávia Alves de. **Os significados da escola: uma análise discursiva das emoções em narrativas sobre vivências escolares**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, p. 122, 2023.

SILVA, Bruno Nascimento. **O Contexto da Prática de Vôo Livre com Laboratório Didático.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Natureza, Niterói Biblioteca Valonguinho UFF, p. 65, 2020.

SPINK, Mary Jane. SPINK, Simon Paul P. Aventura esportiva na modernidade tardia. In*:* DIAS, Cleber; JUNIOR, Edmundo (Org.). **Em busca da Aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza.** Niterói: EDUFF, 2009. p. 21-34.

TURNER, Victor. Betwixt and Between: o período liminar nos 'Ritos de passagem'. *In:* TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: Aspectos do ritual Ndembu**. Trad. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, RJ: EDUFF, 2005. p. 137-158.

VIANA, José A. Rodrigues; DAVID, Luiz Antônio. **Exposição Niterói: A cidade e o esporte, fatos, lugares e personagens que marcaram a história esportiva da cidade e suas regiões.** Niterói, 18 out. 2024.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. **Atividades físicas de aventura na natureza: um perfil destas atividades na ilha de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, p. 133, 2001.